

Ta Mery

(1º Prémio Categoria B Prémio Utopia para Concurso Literário)

Citação: Ta Mery, "Pangea", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

"Nascida numa era de pânico" caminho por entre as brumas da Cidade que me esmagam a cada passo. Há já seis meses que os meus olhos não contemplam o sol: dizem que o combate imperecível entre *Rá* e *Shiva* terminou. A humanidade está perdida: FUJAM! Mas, partir para onde? As famílias destroçadas vivem como tempestades unidas pela mesma cola lascada e a *ayahuasca* ocidental acalenta as esperanças alienadas de todos nós. Ainda ninguém percebeu que o mundo não é redondo, é plano como as ruas desta Cidade onde me fragmento. Caminho...sem sentido...sem saber para onde vou. Os jardins há muito que se multiplicaram no meu cérebro e a minha mente revela-me segredos por dizer. As pessoas passam por mim também sem saber. Os seus rostos acusam confissões mundanas de angústia. Rostos cinzentos...madrepérola...que me atingem em todo o meu ser. Chego ao centro da Cidade da minha consciência. Procuo alguém com quem conversar. Alguém a quem possa confiar os Grandes Mistérios...esse peso que me atormenta e me suga todas as forças. Consigo, finalmente, um monólogo com *Saknik* que me diz: " Está tudo nas mãos dos Oráculos Supremos. Somos apenas grãos de areia no relógio do tempo que o vento um dia levará!". A sua resposta atinge-me como um dardo envenenado. "Então", replico " e as abduções da Verdade? A imobilidade é a solução? Não creio... não espero...desespero!". As lágrimas escorrem-me pelos olhos da mente e sou atingida por um sopro que faz *Saknik* desaparecer. Os Oráculos sempre viveram numa redoma de vidro demasiado espesso para ouvirem e os Obedientes ainda não compreendem todo o seu poder interior. Retorno ao meu caminho em direcção ao Refúgio Sagrado. Como é possível que aquilo que nos separa do mundo nos faça sentir tanta protecção? Ligo o rádio. "Previsões de tornados para o final da tarde. Aconselhamos toda a gente a manter-se na concha dos seus pensamentos". Desligo o som e fico-me a admirar aquele pequeno aparelho. O cinzento da sua estrutura torna-se o cinzento da minha alma e vejo para além da realidade. Imagens difusas emergem no meu cérebro onde o neo-cortex batalha pela hegemonia imperial. O delírio da Verdade foi mais forte desta vez e sinto o frio do chão a percorrer a minha carcaça orgânica. Tremo...temo que surja alguém e me leve até à Entidade Suprema que controla os nossos corpos e dita quem é obediente ou louco. "Sem a loucura que é o homem, mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria?"ⁱⁱⁱ Sei que a Liberdade tornar-se-ia minha inimiga e nunca mais veria a sua frágil face. Levanto-me percorrida por suores frios que não são mais do que a constatação de um facto. Flutuando aproximamo-me da janela e puxo a cortina até ao meu peito. Lá fora, *Guernica* dilacerante, coroado com o sangue escarlate de quem se esqueceu de viver: todos nós. As pessoas passam sem desperdiçar um segundo da sua essência na minha pobre janela. Como marionetas, deixam-se seduzir por comportamentos piramidais que as transformam em meros números. Lá fora, todo um outro mundo submerso à procura de partilha. Estendo a mão e quase nos tocámos! Sinto o quase prazer da descoberta de não estar só! Voltam as imagens da alucinação: velozes, vorazes, arco-íris de alimento para a alma que revelam a possibilidade da Utopia e que embriagam a anestesia da realidade. De repente...um Grito.

Acordo. O Controlador do Tempo diz-me que é hora de entrar na vida. A mecânica há muito conhecida torna as coisas quase automáticas. Como se o meu cérebro estivesse ainda adormecido, preparo o meu organismo para mais um dia. Especialistas afirmam que o sol estará em greve durante os próximos meses e o hábito toma conta dos meus sentimentos. A minha gémea numérica emerge de um turbilhão de papel e eu saio à rua. Cubro a minha face com a máscara de sobrevivência pois desde a segunda Hiroshima que o ar foi promovido a Puro Veneno. No exterior os escombros da Vida representam o espectro da Morte que tudo abarca no seu abraço. Clones do Oráculo Supremo circulam pela Cidade e resquícios da última Visão emergem luminescentes no profundo do meu inconsciente: *Guernica* destruído! Circulo pelo lado certo e alcanço o meu destino: o Centro do (Des)Conhecimento . Novamente os números invadem todas as presenças e a amargura permanece sob a cobertura de chocolate lunar que ilude as consciências como se *Munch* nunca tivesse pisado o solo. Tema de hoje: a evolução humana. Obra de Deus ou do Pó das Estrelas? Se ainda houvesse outros seres vivos talvez estes nos pudessem transmitir a Razão. Para não quebrar com a sua tradição de Imitação-das-Fúrias os

Oráculos decretaram a extinção das espécies sem qualquer possibilidade de as suas *atmas* terem uma segunda oportunidade. Agora as Visões da Natureza despontam da Outra Realidade- a das Mak'inas- tal como uma assombração que nos surge a meio da noite e que nos faz crer ser real. Tudo perdido! Apresento um quadro pintado pela mente sobre a Teoria do Ser e reprovo no ritual de integração. Não sabem! Olho pela janela da sala e o cinzento no meu pensamento torna-se no cinzento dos outros. Anseio pelo regresso a Mim mas não me é permitido por enquanto. Aproximam-se curiosos e perguntam-me “ Se continuas assim corres o risco de te tornares uma Dissidente. Sabes o que acontece a essas pessoas.” Sim, sei-o muito bem: o Refúgio Eterno. As suas palavras misturam-se com as minhas até deixarem de fazer sentido. Afasto-me com uma desculpa qualquer e procuro o calor da Terra sobre o meu corpo. Fecho os olhos e busco no profundo das minhas entranhas a Resposta.

“ *Estuans interius ira vehementi in amaritudine, loquor mee menti*”ⁱⁱⁱ: somos como marionetas robóticas impedidos de qualquer impulso de vida. Nem *Orion*, nem *Kilimanjaro*, *Ukko* ou *Alá* virão em nosso amparo agora. Areias movediças que secaram cimentam as nossas comunicações e os meus pensamentos circulam num transe hipnótico. Flashes de dor invadem o meu invólucro e o Ser que habita a minha Consciência chama por mim. “Miserável. Tu tens o Poder mas não o usas. Transformaste-te num vegetal apodrecido, inútil!”. Voltam as alucinações. Desta vez mostram-me um caminho sinuoso que percorro de olhos fechados. Sons distintos alastram em meu redor e vislumbro rasgos do Passado. Paro! Em frente olhos radiosos dizem-me ser das espécies que foram um dia. O meu corpo todo Verde, contrastando com o cinzento da minha Realidade. Amplio os meus membros para lhes poder tocar mas parecem cada vez mais longe...longe...longe. Falam-me numa linguagem que não conheço mas entendo. Todos os seres juntos comunicam entre si: Paz. Aproxima-se a hora do Retorno.

Abro os olhos e a confusão torna-se progressivamente mais imperceptível. Loucura é uma palavra demasiado breve para caracterizar o infinito que me atravessa. Lá no alto o Céu carregado de ciprestes nublosos anuncia uma tempestade. Volto ao meu posto na colmeia tentando não transparecer demasiado Eu. Tópico de conversa: dinheiro. O que seria de nós sem ele? Mesmo que agora só ressuscite em forma de cartão- mais um contacto perdido- é o Deus Nosso de Cada Dia. Antes do seu nascimento eram os objectos que reinavam, mas que nunca chegaram a constituir um verdadeiro império mundial. Responsável pela Derradeira Idade das Trevas em que estamos submersos, anseia por novos mundos para subjugar. O Absoluto Desconhecido é bombardeado com utensílios de metal ao serviço dos Oráculos que, a partir das suas bolas de cristal electrizadas, interpretam modos de aumentar o seu Domínio sempre distante. Talvez hoje vá até Saturno. As conversas não passavam disso: palavras tão fracas que nem chegavam a atingir o Ser interior. Regras. Agir de acordo com o estabelecido oprimindo a imaginação e convertendo cada um em percentagem. O Valor passa a ser Número. Ditadura não lá mas cá. E os pobres? Pobres de quê? Matéria. Pobres de nós, ciclopes de Espírito que não vemos a Solução mesmo que ela esbarre e nos faça tropeçar. Ninguém percebeu. Não basta palavras para se obter o significado. Novamente o sentimento de fuga face à incompreensão. Sorrio- as regras obrigam-nos a revelar a Felicidade do nosso âmago mesmo que estejamos prestes a tornar-nos pó (e quem realmente se importa?)- e procuro retirar-me de cena. A minha personagem está cansada-desesperada deste tipo de papel. Anseio pelo conforto apaziguador da minha Protecção. Chego e, como todos os dias e toda a gente, os mecanismos registam todos os meus movimentos e, como zombies, transmitem toda as intimidades ao Grande Cérebro Mecânico. Liberdade? Conceito estranho! Dispo-me dos preceitos e preconceitos acumulados durante o dia e procuro quem procurou por mim. Dizem-me que chegou a hora de contribuir para a sobrevivência da espécie, e que esse é o sonho de infância de cada um. Desde a Quase Extinção do Ser que os ciclos reprodutivos se tornaram mais militares. Não poderei permanecer no Centro eternamente porque os números conquistaram todos os Elementos do Conhecimento e passaram a orientar os nossos desejos e qualidades. Uma explosão de vórtices atinge o meu cérebro. Não poderei fazer algo que implique cada átomo do meu ser porque o objectivo é ganhar dinheiro e não ser feliz. Procuro calma mas os Especialistas dizem que tenho de aceitar a Essência das coisas. Ninguém entende. Ninguém se mexe. Anestesia.

Saknik visita-me e traz uma mensagem dos Antepassados. Não estou só. Mas tenho dificuldade em aceitar. Vejo a realidade todos os dias, o cinzento que cobre toda a superfície da Terra plana. Precipícios de angústia e temor, suspendem noutra dimensão todas as possibilidades. Não. Pode ser que tenha razão. Talvez o sol decida resplandecer novamente aos meus olhos. Nessa noite os sonhos conquistaram o seu direito de visões. Envolto numa mandala em véu rostos diversos apresentavam as suas condolências. Lágrimas escorriam das faces de crianças crescidas numa nuvem de poeira que cegava os não crentes. No centro, um globo já não cinzento mas azul e verde. Asas de pombas brancas boiavam entre os presentes incrédulos por todas as maravilhas ofuscadas pelo Grande Cinzento. Esperança. O Especialista do Corpo havia-me dito que esta já tinha atrofiado no interior do meu inconsciente. Levanto-me encharcada na minha descoberta e inicio um longo período de insónias. “Não posso parar!” Envolver-me num prelúdio de exploração e as Visões do Paraíso^v não me deixam desistir.

Chove, não água mas Destruição que carrega consigo túmulos de eras de extinção. Nunca soubemos lidar com a mudança “porque o Homem tem tendência para a autodestruição!”^v Amor-Ódio à vida! Imaginação maldita! Os corredores de segurança afligem-se com todo o calor daqueles corpos acelerados, como se a vida fosse um assunto inadiável. Fingem preocupação, fingem aceitação. Vejo agora que seus olhos não estão muito longe da Verdade. O que nos aconteceu? Como o permitimos? Foi tudo tão rápido, como um flash fotográfico que suspende o Sopro Primordial. Chove. A corrosão cresce em todos. Chaminés de fumo substituem as pirâmides naturais e o cinzento material qualquer flor que ouse despertar para a vida. O cinzento lá fora torna-se o cinzento cá dentro. Ninguém fala a tristeza que habita nos seus corações. Os Clones estão presentes. Não sonham com o futuro, apenas com o agora. Seres que se controlam a si mesmos. Parto em busca daqueles que partilham a Verdade. Choques atingem o meu peito. “Agora não” penso, mas as Visões não aceitam ordens. Alucinação...loucura. Já os consigo ouvir se perceberem que sou diferente-dissidente. As Grandes Regras existem para ser cumpridas e a tolerância é uma palavra que foi retirada do dicionário. Procuo um local liberto de organismos mas as paredes não o permitem. Saio. A chuva e o pó. Revolta em espasmos entro por uma nova dimensão. Devastação. No centro da confusão uma luz bruxuleante quase extinta escreve branco e dispara setas que atingem pessoas distintas. Vejo as suas faces como uma corrente oceânica disforme que chega à costa e desaparece. Esperança. Abro os olhos e as minhas pernas já não me obedecem. Obedecer. Vestida pela chuva estendo o meu olhar até ao pôr do horizonte. O mapa dos descobrimentos acabou de ser traçado e um novo ciclo aproximava-se após a dolorosa fase da catástrofe. União. Retomo o meu lugar nos corredores de segurança e sei o meu destino: Submundo. Local místico que sempre pensei ser como uma fábula para crianças, acolhia todas as almas crentes, dissidentes. Pessoas que as Fúrias permitiam viver de acordo com as suas Visões e que se tornavam ameaças para os Integrados. Lá fora a chuva parou mas não as explosões. Estremeço a cada reacção química. Cruzadas de conquista como se ainda houvesse alguma coisa para conquistar! E quem aprende com milénios de erros históricos? Aves metálicas tolhem a atmosfera com os seus gritos estridentes. Sei que tenho de agir rapidamente. Os Prazos são sempre para se cumprir! A imaginação deve obedecer.

Ainda vestida pela chuva coloco o mapa entre os meus pensamentos e anseio pelos átomos dos meus objectivos. Não sei onde começar. Como se encontra alguém que não quer ser encontrado? Chego ao centro da Cidade onde permanece como cal desgastada pelo tempo uma cópia esfíngica do Oráculo com sua postura horripilante. Se ela não está feliz porque o há-de permitir aos outros? Rodopiam para mim relances de desconcerto. Por onde começar? Tudo igual! Onde estão as figuras da minha Visão? Começo a andar por caminhos imortais. A travessia surge agora como impossível, uma alucinação. Aquilo chamado Esperança define lentamente no meu Ser. Passam-se eternidades de horas e não encontro aqueles que trarão a Revolução. A minha carcassa cansada arrasta-se serpenteante pela neblina dos Grandes Mistérios. Imploro a todos os Entes Incontestáveis por um abraço de consolo mas suas vozes mantêm-se caladas. Regresso à minha concha protectora acompanhada pela nuvem da desilusão. O Controlador do Tempo já dançou demasiadas e até ele está exausto. No radio anunciam-se novas tendências de narizes para a estação Outono/Inverno, como se ainda houvesse diferenças entre a distância à Estrela Mãe. É importante estar sempre na vanguarda das mutações corporais criadas pelo Invisível que se impõe em todas as consciências. Atrocidade. Outra palavra que foi banida do dicionário e encontra-se actualmente a cumprir pena perpétua por difamação. “Querem-se grandes e cinzentos para condizer com o ambiente circundante. Os lábios devem ser minúsculos, quase inexistentes porque não se pretende salientar as funções imundas da boca”. Quem cala consente. Ser igual a normal e carregar a cruz da frustração. Não és o que pensas mas o que aparentas porque o exterior tornou-se a cúpula da evolução. Sarcófagos voadores passam pela minha janela. Dirigem-se a destinos que não compreendo nem os que estão ao seu comando. Notas surdas chegam aos meus ouvidos do rádio ainda ligado. Desde que descobriram os efeitos das ondas sonoras nos nossos estímulos que somos tratados como átomos perdidos num buraco negro. Um tom para cada momento e os eléctrodos na minha cabeça^{vi} começam a surtir efeitos. *U bah ti way*^{vii}. Adormeço em busca da Solução. Esta fala-me nos sonhos e diz “Em breve estarei contigo. Em breve *Rá* deslumbrará com seus olhos de luz. Amanhã.” Meus olhos fitam o tecto na penumbra e formas começam a emergir. Sorrisos numa lua brilhante envolta pela Natureza. Um arco-íris de flores e colibris num oásis de música. O sol purificado pelo nevoeiro matinal onde a vida começa. A Compreensão abraçando a União.

Chega uma visita: *Saknik*. Diz-me que temos de partir. Diz-me que chegou a Hora. Flutuando pela Cidade a nossa luz contrasta com o cinzento dos terrestres. Aproximamo-nos de uma espécie de bolha sónica- o Submundo- e as paredes abraçam-me como a pele abraça o corpo. Lá dentro o Mundo como se nada tivesse mudado desde a Era do Antes. Começo a passear pelo verde das planícies e não encontro nenhum objecto familiar. Nada de Oráculos Supremos, apenas colectividades. Nada de Clones nem de Refúgios Eternos porque o Outro reflecte-se no Eu. As chaminés de fumo foram substituídas pelas pirâmides naturais e a greve do Sol nunca aconteceu. Páginas de memórias e pensamentos

circulam pelo ar liberto de astros venenosos. Simbiose. Borboletas e flores aladas tocam-me a face. Vejo os rostos e reconheço as pessoas. São as Essências de quem habita o Exterior e que nem os eléctrodos conseguiram exterminar. A Vida subjuga a materialidade e terminam as hierarquias no seu interior. Um breve aroma a jasmim invade os meus sentidos e sinto-me presa à verdadeira realidade. Perfeita? O que é a perfeição senão *aenigma*? Nada é perfeito mas pode ser sempre melhor.

Acordo. Tudo parece diferente. Levanto-me com as pálpebras ainda no mundo dos sonhos e a Lucidez atinge-me o entendimento. Fragmentos do sonho real trespassam-me como pulsares poéticas que vão além da métrica. Os braços do Sol fazem o meu corpo renascer e a angústia do conhecimento emerge. Percebo agora a necessidade urgente de um *Big Bang* do pensamento. A capacidade sempre se manteve activa mas o Medo detêm a hegemonia. Risco. Insegurança. Ditadura dos Oráculos que ignoram o poder da Renovação. Percebo também que os Dissidentes estão dentro de todos nós. Cada um cria a sua bolha sónica, concha de protecção de um organismo não liberto mas livre. Seres duplos como a duplicidade da nossa matéria- *Ronín*. Por vezes a bolha grita muito alto e toda ou estilhaços conseguem ultrapassar a barreira e chamar a Acção. E o amanhã? Fragmentos do vento solar sopram pelas malhas da escuridão. A teia que obscurece a Verdade rende-se à evidência da Consciência. A mobilização torna-se eminente. Não mais a destruição mas a criação. Não mais a subjugação mas a aceitação. Não mais o número mas a pessoa. Por fim a descoberta de que é possível. A mudança. O ciclo de *Ouruboros* esfuma-se perante a nossa realidade...

Saio com o peso da minha descoberta sobre os ombros. Percorro os trilhos do caminho a seguir e as opções encontram obstáculos a ultrapassar. Como fazer? O Poder não admite contradições e o Óbvio gira em todos os meus sentidos. Claro! O Controlador Cerebral! A resposta sempre tão perto e tão longe! O meu corpo atinge a velocidade luminosa em direcção à casa dos eléctrodos que adormecem a Liberdade. O edifício surge imponente em toda a sua majestade vidraçal. Transparência ao serviço da manipulação. Arrepios gelados servem de prelúdio ao sacrifício carnal. Olhos mecânicos envolvem-me em toda a minha dimensão à medida ultrapasso os limites do exterior. De imediato imagens de transgressão invadem a minha mente e a punição inicia o seu círculo gracioso. Suores de dor imploram pelo retrocesso e lágrimas de sal arrefecem o calor da expiação. Segundos transformam-se em impressões de décadas mas os Grandes Mistérios não se deixam derrubar. Os Clones acorrem em socorro da máquina que já não funciona em mim. Contingência que exige alguém superior: os próprios Oráculos. Na sala obscurecida de universo falam-me de união. A dissidência significa desorientação, rachas na tinta que cobre a coesão dos indivíduos. O que aconteceria se cada um dos biliões presentes revelasse o seu âmago? Absurdos há já muito ostracizados. Os números permitem a igualdade. Laivos de lucidez flutuam em meu redor. Percebo agora que mesmo estes seres são vítimas inconscientes da sua própria ilusão. As janelas percorridas por véus espessos não autorizam o olhar sobre a realidade. A penumbra lá fora omite-se à Visão dos seus olhos demasiado concentrados na perfeição do seu mapa de extermínio. Procuro a paz de um diálogo enquanto me aproximo da ligação com o exterior e arranco os véus autoritários. Subitamente, todo o sofrimento e desespero cobrem-nos como um manto: Nós, pobres personagens de um teatro vivo. As imagens percorrem serpenteantes as vísceras de um futuro terminável. Sentimentos de perda antiga reclamam o seu devido lugar electrizando as energias vitais. O irrecuperável torna-se na urgência da acção e estes seres onnipotentes revelam a sua fragilidade humana. Depressa. A pressa. Como fazer o que fazer? As suas almas saem vertiginosas pelas ligações electrónicas. O contacto atinge todos os Oráculos do Mundo e o desfecho institui a morte da Subordinação. Não mais eléctrodos. Não mais números. Apenas seres vivos envoltos na sobrevivência de cada partícula da Grande Gaia.

ⁱ "Hand full of nothing" Blasted Mechanism.

ⁱⁱ "D. Sebastião, Rei de Portugal" Fernando Pessoa.

ⁱⁱⁱ "Burning inside with violent anger, bitterly, I speak to my heart" *Carmina Burana*, Carl Off.

^{iv} Pablo Amaringo.

^v "Veronika decide morrer" Paulo Coelho.

^{vi} "O Cientista" John C. Lilly.

^{vii} "Ela foi dormir" língua maia.